

Carolina Paiva

Regras para descolagem

coolbooks

Para ti, criatura voadora

Deve haver uma verdade para a vida, mais simples. A que modesta e quotidiana, anterior a todos os livros, a todos os brilhos com que se é homem com possibilidades históricas, a que humilde serva aguento o peso do que lhe põem em cima – deve haver. A que do canto da sala me fite com o seu olhar escravo e compreensivo e me diga «estou aqui», no meio da minha amargura.

Vergílio Ferreira, *Rápida, a sombra*

Importa isto: eu acreditava na possibilidade de refazer tudo, agarrar de novo as partes da minha vida que se tinham soltado, ajustá-las mais e melhor ao meu corpo.

David Machado, *Índice Médio de Felicidade*

«Se queremos viver desta profissão, há certas regras que temos de cumprir», disse-me o Alberto; de seguida enumerou-as e perguntou-me se as tinha entendido. Respondi-lhe que sim. Ele chamou-me aldrabão e disse que pelo menos esperava que eu não perdesse tudo irremediavelmente. Na altura não lhe fiz caso. No entanto, ele tinha toda a razão. Antes de aprender as regras tive de as violar a todas, uma por uma.

— Buracos negros —

Os aeroportos fazem-me sentir nervoso. Não que tenha medo de voar. Na verdade, acalmo-me quando o avião levanta voo. Antes disso sinto-me irrequieto. Vejo as pessoas a partir e a chegar e tenho a sensação de que se alguma delas se perdesse aqui, nunca conseguiríamos encontrá-la. Como se os aeroportos fossem buracos negros por onde as pessoas se evaporam. Se num minuto estão sentadas junto à porta de embarque, no seguinte podem estar presas num submundo do aeroporto que não vemos. Qualquer um pode ser sugado para o buraco. E quem daria pela falta dessa pessoa? Tanto pode ter saído para visitar a cidade como pode estar num avião a caminho do México. E se alguém reclamar que não era esse o destino que a pessoa tinha definido no cartão de embarque, eu pergunto: não estamos nós no sítio onde tudo pode ser alterado, adiado e cancelado? No fundo, o aeroporto é uma porta giratória de oportunidades. Se perdermos um voo, haverá sempre outro à nossa espera.

Pedimos a todos os passageiros para o voo EK034 com destino a Colombo que se dirijam à porta de embarque A21.

*

Enquanto procurava o meu cartão de embarque e me posicionava na fila que se tinha formado à minha frente, tentava concentrar-me no que me trouxera até ali, mas parecia ter perdido o controlo dos meus pensamentos. A palavra *reforma* tornara-se uma sombra colada aos meus pés, que aos poucos se ia apoderando de mim. Devo confessar, no entanto, que não era uma má sensação. Era como se finalmente pudesse recostar as costas na cadeira, depois de várias horas de esforço para as manter direitas. Apesar de encontrar uma certa dignidade em manter as costas direitas, perguntava-me amiúde como seria não ter de o fazer. E por isso, ainda antes de estar sentado junto à porta de embarque, antes de ter entrado no aeroporto de Charles de Gaulle, e antes de me ter levantado nesse dia, já tinha decidido que este seria o meu último caso.

Uma grande quantidade de pessoas embarcava, e enquanto caminhava pela manga de embarque perdi um minuto a observar o A380 que nos transportaria a todos. Ocorreu-me que o Homem, por vezes, também é capaz de criar obras fantásticas. Antes de ocupar o meu lugar, retirei uma revista e uns auscultadores da mala. Ao pousar os objectos no banco, percebi que já estava alguém sentado no lugar junto a mim. Levantei os olhos do assento e encontrei um homem de cara comprida e olhos vivos, que me atirou um terrivelmente alegre «*Bonjour*». Não lhe respondi e ocupei o meu lugar, apertando o cinto num gesto automático.

Distraí-me a folhear a revista da companhia aérea até o embarque terminar. As hospedeiras fizeram a última ronda de verificação enquanto a música da companhia tocava continuamente, e nessa altura reparei que o casal sentado ao meu lado parecia ter já adormecido. Ao levantar voo, o avião inclinado estremeceu um pouco, parecendo depois adaptar-se facilmente à posição horizontal que ocupava no céu. O escuro é então substituído por uma luz ténue. Ouço um bebé a chorar na parte traseira do avião, mas é um choro longínquo. Sinto alguém tocar-me no ombro, e ao virar-me deparo-me de novo com os olhos alegres do francês, que me aponta na direcção da hospedeira, pois esta tentava entregar-me um paninho quente para limpar as mãos. Agradei à hospedeira, e enquanto passava o pano pelas mãos, o francês perguntou-me:

– *Je n'ai pas retenu votre nom. Comment vous appelez-vous?*

Respondi-lhe em inglês que não falo francês.

– Desculpe – continuou ele em inglês –, estava a perguntar-lhe novamente o seu nome.

– Creio que ainda não lho disse – respondi.

– E como se chama?

Disse-lhe o meu nome.

De seguida peguei na minha revista, tentando dar a entender que não pretendia passar as próximas horas à conversa com um desconhecido. Ele continuou a tagarelar qualquer coisa acerca de como estava empolgado com esta viagem, e confessou que era a primeira vez que fazia um voo tão longo.

– É muito fácil – disse eu –, basta recostar-se e entreter-se com qualquer coisa. Nem dará pelo tempo passar.

Vi-o olhar para o monitor à sua frente, e comentou que passara apenas meia hora desde a descolagem, e que não sabia que espécie de entretenimento o iria ocupar durante o voo.

– Talvez não devesse ter vindo – afirmei, sabendo que estava a ser um pouco rude.

– Não, tudo menos isso. Esta viagem é importantíssima para mim. Vou encontrar-me com a minha namorada. A coisa é recente, mas admito que fiquei muito feliz quando me convidou para passar o aniversário com ela. Mandou-me o bilhete de avião pelo correio. Como podia recusar? Somos ambos actores, apesar de ela ser imensamente mais conhecida do que eu. E muito melhor também, não tenho problemas em reconhecê-lo. Está a gravar em Colombo e vai ter uns dias livres. E você? O que faz?

Como é que se escapa disto num avião? Percebi que não conseguiria evitar aquele tipo, pelo que decidi render-me aos atractivos da conversa.

– Sou escritor.

Escrevo imenso, lá isso é verdade, pensei.

– Bem me parecia que o seu nome não me era estranho – respondeu de imediato. Os seus olhos brilhavam e gesticulava tão efusivamente que só podiam ter-lhe enfiado uma pilha pelo cu acima. – Talvez já tenha lido algo seu – sugeri.

– É improvável.

– Porquê?

– Não sou muito conhecido.

– Bem, os bons escritores estão sempre à frente do seu tempo – afirmou convicto. – Infelizmente, muitas vezes só os entendemos após a sua morte.

– Sendo assim, já estive mais longe de me tornar um bom escritor.

– Para já, basta ter um número de leitores suficiente.

– Para quê?

– Para continuar a escrever.

– Não tenho muitos leitores.

– Mas tem os suficientes?

– Não sei.

O rumo daquela conversa começava a aborrecer-me.

– De qualquer forma, o sucesso é sobrestimado. Dá-nos a volta à cabeça, percebe? – Falava ao mesmo tempo que me apontava o dedo indicador. – Deixamos de nos focar no que interessa, e leva-nos a sabotar o nosso trabalho. Começamos a tentar ir de encontro ao que o público quer. E aí perdemos a liberdade.

Reparei que o entusiasmo do seu olhar se tinha reduzido.

– É um actor de sucesso?

– Eu? Nem por sombras. Conheço quem tenha sucesso, e prefiro assim. Se quero sucesso para mim? Sim, claro que sim, mas em quantidades doseadas. Veja a minha namorada, por exemplo, apanho-a tantas vezes às voltas na cama. Preocupada com o trabalho, com a cabeça feita em água. Eu não tenho esse problema. Mantenho-me pelas séries de segunda categoria. Para além de termos mais flexibilidade com o guião, faço o que gosto e não me importa se vão ou não gostar. Há vantagens em estar no fundo da tabela das audiências.

Não cheguei a abrir a boca, mas ele pareceu adivinhar a minha próxima pergunta.

– Claro que também trabalho num café em *part-time*, para ajudar a pagar as contas. – Fez uma pausa, e pareceu sentir dificuldade em articular as palavras, mas depois continuou: – À minha namorada nunca lhe pedi nada, mas todos os meses me manda a mesma quantia de dinheiro. Podia habituar-me a isso, mas não quero que ela me tome por garantido. Posso ser actor, mas não sou estúpido. Não sou estúpido – repetiu. – Ela chama-se Viviane Marc, talvez já tenha ouvido falar, tenho de lhe mostrar uma fotografia dela, trago-a na minha mala. Lembre-me de o fazer, tem de a ver. Linda: loira, alta, olhos azuis. Feche os olhos e finja que está a sonhar, ok? Já está a ver não está? E é isso. Não posso pedir mais nada.

Naquele momento ocorreu-me uma única palavra: bingo.

Lembrava-me bem desse tempo, em que eu não pedia mais nada à vida. Embora me pareça uma época muito fugaz, sei que aconteceu. Quantas pessoas não chegam nunca a tê-la? Talvez tenha tido sorte, afinal de contas. E, apesar de tudo, ao olhar para trás parece haver tão pouco para recuperar. Apenas curtos espaços de tempo em que o corpo parecia mais leve e o mundo era o palco onde eu via realizados os meus desejos. Nessa altura, não houve um único aviso de que tudo desapareceria em breve. Foi de súbito que tudo aconteceu e que tudo se desmoronou.

— O seu nome é Laura Monteiro —

Regra n.º 1: nunca te envolvas.

No dia em que ela apareceu no escritório, encontrei-a parada à porta. Hesitava, como se não tivesse a certeza de estar no local certo. Eu, que não tinha a certeza de nada há muito tempo, soube logo que ela estava no sítio certo. Creio que talvez por isso lhe peguei na mão quando começou a chorar e, ao mesmo tempo, apesar de não a conhecer, não me senti constrangido como era costume. Talvez o calor que já se fazia sentir me tivesse amolecido e acalmado, a vontade constante de remediar as coisas estava adormecida, e não senti o ímpeto de lhe tentar acalmar o choro. Pelo contrário, deixei-a chorar. E no fim, não fui capaz de falar, pois sabia que as palavras, como quase sempre, estragariam tudo. Ou talvez apenas achasse que não tinha nada apropriado para dizer. A sua expressão ia-se tranquilizando e eu sabia que em breve teria de abrir a boca e vê-la afastar-se de mim: os olhos a desviarem-se para um defeito da mesa, as mãos longe das minhas, pousadas no colo, a blusa cada vez menos ofegante. Desejei que o seu sofrimento durasse um pouco mais, para que eu o pudesse apaziguar; desejei que

as lágrimas escorregassem mais devagar, enquanto as via alojarem-se na cova do seu pescoço. Um pequeno lago de dúvidas, pensei. Era desse mal que ela sofria: a dúvida. Quando se instala, é difícil de suportar, minando tudo à nossa volta. No fundo era esse o meu ramo – o da desconfiança, da incerteza, da suspeita. E a suspeita é tão fácil de semear. Uma palavra dita ou uma palavra que ficou por dizer, um gesto um pouco frouxo, um toque de chamada distante, uma desculpa atabalhoada, um olhar indiferente, um silêncio prolongado. Depois deste pensamento, reparei que a minha mão ainda tocava a dela. Quis dar-lhe uma solução permanente, para que não tivesse de se preocupar mais com essas massas cinzentas da mente, mas ainda não lhe podia dizer, não podia ultrapassar essa barreira tão cedo. Doeu-me quando retirou a sua mão, como se me lesse os pensamentos e percebesse que eu a queria aprisionar. Porque dentro de mim não havia espaço para a dúvida, tudo era forçosamente certo. Pareceu-me estar a sonhar aquela cena, como se me tivessem colocado a alguma distância do que acontecia e o plano se abrisse. De repente, aquela blusa era-me familiar, pensei em despi-la; afinal, ela estava impregnada de passado, embebida em dúvida, encharcada de sangue. De facto, gotas de sangue pingavam para o chão, criando uma poça cada vez mais larga e espessa. Mesmo assim não lhe disse nada, e quando voltei a olhá-la, já tinha trocado de blusa, em tudo igual à anterior, excepto no sangue. Era branca, branquíssima, como o algodão, com uma das golas distraidamente virada para dentro, e muito fina, semi-transparente (pareceu-me ver a forma de um colar por baixo dela). Era tão

fina que a ventoinha pousada no móvel ao lado da televisão a fazia ondular levemente. Creio que fiquei viciado nessa mansa ondulação. Não conseguia desviar os olhos e, sobretudo, não conseguia parar de imaginar a sua pele arrepiada pelo breve roçar da blusa. Não conseguia acordar daquele momento. Sentia no ar uma corrente muito subtil que me atravessava e me impedia de mover, e o que me pareceu ser muito tempo não deve ter excedido os dois minutos. Embora eu não me diferencie em nada do homem comum, sempre tive esta qualidade, ou capacidade: conseguir sustar no tempo os momentos mais decisivos da minha vida.

Aconteceu quando levaram a minha mãe. Aconteceu quando vi a Catarina. Aconteceu quando conheci o Alberto. Aconteceu com a Laura. Quando ela se levantou e atravessou a porta, percebi que todo aquele sangue era meu.

*

Foi num dia de Junho, num ano em que o Verão apareceu cedo e só deu tréguas no final de Setembro. Lembro-me disso porque fazia um calor insuportável sempre que nos encontrávamos. Era improvável que o calor me afrontasse apenas a mim, uma vez que lhe via amiúde a blusa colada no meio das costas. A verdade é que nunca me tinha levantado para segurar a mão de ninguém. Senti-me desprezível por ser feito da mesma matéria que o homem que incitava aquelas lágrimas. Foi um choro silencioso, contido, as lágrimas eram a sua única prova. Ela estava demasiado abalada para

me contar o que quer que fosse, e imaginei (pela primeira vez) que toda a atmosfera do escritório não ajudasse. Sugeri tomarmos um café fora dali. Ela assentiu e fez um esgar semelhante a um sorriso. O café, foi essa a primeira transgressão. A partir dali, por entre todas as minhas infracções, o mundo tornou-se no que deveria ser.

A certa altura perguntou-me o que é que um homem como eu fazia numa profissão daquelas. Um homem como eu? Fiquei sem saber se me estaria a elogiar ou a censurar, mas não tinha outra resposta para além da verdadeira.

– Foi uma oportunidade única, não podia dizer que não – respondi.

A pouco e pouco ela quis saber mais, e eu fui-lhe contando. Tinha estado em silêncio demasiado tempo, e de repente alguém me queria ouvir. Acabei por lhe contar grande parte da minha vida, pelo menos a parte de que me recordava. No final, senti-me aliviado, como se a minha história se tivesse tornado mais suportável. Mas, primeiro, tinha de resolver a história dela. Era casada. Desconfiava que o marido a traía com a secretária, e tanto desejava que a sua intuição estivesse certa, como se culpava por alguma vez ter desconfiado. Tratei de investigar e quando descobri a verdade, ocultei-a. Não queria que ela ficasse comigo apenas porque o marido a traía. Pior do que isso: precisava que ela ficasse comigo. Conte-lhe uma história estapafúrdia acerca do que o marido fazia durante as longas horas de almoço em que ela não o encontrava. E depois pedi. Pedi. A quem? Não sei. Pedi que me ela me escolhesse.

*

Quando nos voltamos a encontrar ela vestia uma blusa, mas não era a blusa branca. Pareceu-me um mau presságio porque queria despir-lhe aquela primeira blusa branca. Quando se sentou à minha frente, não a notei tão nervosa quanto esperava. Tínhamos falado ao telefone umas horas antes e tinha sentido que a sua voz vacilava. Ali sentado, senti-me fraco. Tudo o que eu queria era que as coisas dessem certo. Tal como no dia em que tinha conhecido o Alberto. Queria que a minha vida deixasse de ser um projecto adiado ou uma obra em permanente construção.

– O teu marido não te trai – disse-lhe. – Durante as horas de almoço vai até ao bingo ao fundo da rua e entretém-se a jogar. Quando o dinheiros dos velhotes que se sentam junto dele acaba, ele empresta-lhes mais. Por vezes paga bebidas a todos. Depois acompanha um dos velhotes à porta de casa e segue para o trabalho.

Queria ilibá-lo de qualquer culpa. O comportamento dele deveria fazer inveja aos maridos mais reputados. Ela acendeu um cigarro e olhou para mim, os seus olhos eram fendas. Nesse momento temi que me tivesse descoberto. Pensei que tivesse antecipado os meus passos, e tivesse desvendado a minha estratégia ridícula para ficar com ela. Sentia as pernas nervosas debaixo da mesa. Lembrei-me do Alberto e imaginei o que acharia de mim se me visse neste momento. «Os homens apaixonados são sempre ridículos», diria. Logo, eu era ridículo.

– E se eu te dissesse que já não o amo? – perguntou-me.

- Não saberia o que te dizer.
 - Pois então pensa em alguma coisa, porque eu já não o amo.
 - Vais deixá-lo?
 - Não vejo o que mais posso fazer.
 - Podes ficar em minha casa, se precisares. Só tenho um quarto, mas costumo dormir no sofá.
 - Costumas oferecer estadia em tua casa às tuas clientes?
 - Não. É a primeira vez.
 - Pareço-te assim tão desesperada?
 - Não foi por isso que ofereci.
- A pesar de até então não lhe ter revelado o que sentia, pensei que de alguma forma ela o soubesse. Nunca fui muito evidente nos gestos de amor, mas havia outras maneiras de amar. Vi-a acender outro cigarro e pensei que, em breve, se levantaria, e eu nunca mais a veria.
- Considerarias vir viver comigo? – perguntei, passados uns minutos.
- Senti a cabeça tonta e fitei a mesa por uns segundos.
- Porque é que achas que estou aqui? Nunca disseste uma palavra, falas agora porque pensas que esta será a tua última oportunidade. Consegues imaginar uma mulher mais ridícula? Saber que o seu casamento acabou quando outro homem lhe pega na mão? Juro que me daria vontade de rir se não fosse comigo.
 - Estavas tão...
 - Destroçada.
 - Indefesa – corrigi. – E, ao mesmo tempo, corajosa.

– Temos ideias diferentes acerca do significado de coragem. Nunca me senti tão fraca como nesse dia.

A cinza do seu cigarro caiu em cima da mesa e eu toquei-lhe com a ponta dos dedos.

– Vamos ter tempo para discutir estes conceitos? – perguntei.

Ela sorriu enquanto deixava o fumo escapar-lhe, aos poucos, pelos cantos da boca.

Tivemos precisamente nove meses e treze dias. Não discutimos muitos conceitos. No dia 3 de Março, por volta das 16h00, entrei em casa e vi um *post-it* em cima da mesa da sala. Não lhe prestei muita atenção. De facto, nem sequer o li durante umas horas. Quando comecei a estranhar a sua ausência e o seu silêncio perante as minhas chamadas, peguei no *post-it* e li-o.

Tive de ir. Desculpa.

Com amor, Laura

Procurei as suas roupas no armário e encontrei os meus fatos sozinhos. Havia uma certa alegria quando, durante a manhã, procurava o meu fato entre os seus vestidos e blusas, como se as suas cores de alguma forma animassem a minha roupa aborrecida. Por detrás de cada porta havia sempre um pedaço de tecido que me espreitava. Havia lenços pendurados nos puxadores das portas e sapatos alinhados junto ao cabide. Havia o seu perfume fresco na sala quando, por alguma razão, eu voltava a casa para ir buscar algo de

que me tinha esquecido. Deixei-me cair no sofá e analisei detalhadamente todos os meus comportamentos mais recentes, na esperança de encontrar um erro que justificasse o *post-it*. Perguntei-me se a teria ofendido de alguma forma, se não lhe teria dado a devida atenção em alguma ocasião, se a teria magoado com alguma palavra mais rude. Era impossível saber. E, na verdade, nada disso me serviria. Eu sabia o que tinha acontecido. Contudo, precisava de mais do que isso. Sabia o que tinha de fazer, era imperativo, era necessário. Precisava de uma imagem suficientemente real para me servir de arma nos momentos de autoflagelação. Não foi difícil encontrá-la, sabia onde procurar. E foi com comiseração que me observei a mim próprio a adoptar, simultaneamente, dois papéis: perseguidor e cliente. Chovia torrencialmente quando captei a imagem. Encontrei-os à entrada do prédio. Enquanto ele baixava ligeiramente a cabeça e procurava as chaves no bolso, ela beijou-o no pescoço. A água da chuva era fria, mas quanto mais se entranhava na minha roupa, mais eu me sentia em chamas. Fiquei ali parado a observar a extraordinária leveza com que a Laura tinha virado de uma página para outra. Ninguém me viu. Era tarde de mais para mim em todos os aspectos. Não sei quanto tempo fiquei debaixo da chuva, sei apenas que fiquei tempo suficiente para acreditar que, afinal, talvez tivesse tido sorte. Tinha tido a minha segunda oportunidade. Ri-me de mim próprio até ao momento em que vi duas formas aparecerem à janela. Perguntei-me em que momento tinha acreditado que aquela mulher me amava. Enquanto esperava que ela descesse as escadas e, a sorrir, me explicasse que tudo tinha sido um

mal-entendido, a persiana desceu e eu deixei de ver. Tinha de facto sido um equívoco. Antes de me ir embora, tive ainda tempo para me sentir como uma folha velha, dobrada nas pontas, amolecida pela água que lentamente se desfazia.

Ao entrar em casa lembrei-me de todas as blusas no chão, dos fios de cabelo colados à testa, das minhas mãos encaixadas na sua cintura, dos *collants* rasgados. E assim, de um momento para o outro, eu já não me *sentia* ridículo por estar apaixonado, eu *era* ridículo por me ter apaixonado. Inspeccionei novamente o bilhete deixado; pareceu-me igual. Depois pedi. Pedi. Mas desta vez não havia ninguém para me ouvir.

Quem é que se vai embora «com amor»?

Este dia passou-se há três anos e cinco meses.